

*Dossiê “Faculdade de Formação de Professores:
50 anos formando formadores”*

REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA DE INGLÊS DA EJA QUE É EGRESSA DA FFP/UERJ

Reflections of an EJA English teacher who is a graduate at FFP/UERJ

Reflexiones de una profesora de Inglés de la EJA que es egressa de la FFP/UERJ

Letícia Miranda Medeiros 

RESUMO

Sou quem sou por conta dos livros que li, dos cursos de que participei e, sobretudo, eu sou a união de várias pessoas do passado e do presente. Baseando-me em Prado; Soligo; Simas (2014) e Abrahão (2011), que salientam a importância da escrita de narrativas para a formação, este texto tem por objetivo apresentar os meus processos formativos como professora de Inglês, da Rede CEJA e egressa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. O intuito é contar aos leitores os caminhos que venho trilhando como docente de Inglês em formação enquanto trabalho na Educação de Jovens e Adultos. As reflexões advindas das memórias e das pessoas que fizeram/fazem parte da minha vida acabam por trazer um novo significado para a minha prática educativa e por me transformar em uma pessoa/professora mais reflexiva e consciente. Percebo que vou aprendendo a ser humana e a ser profissional nas interações sociais e constato que nunca estarei pronta. Estou em permanente processo de construção.

Palavras-chave: Espaços formativos; Memorial; Educação de Jovens e Adultos; Formação Docente; Egressos.

ABSTRACT

I am who I am because of the books I have read, the courses I have attended, and, above all, I am the union of several people from the past and the present. Based on Prado; Soligo; Simas (2014) and Abrahão (2011), who emphasize the importance of writing narratives for teacher training, this text aims to present my formative processes as an English teacher, from Rede CEJA and graduate of the Faculdade de Formação de Professores of UERJ. The intention is to tell readers the paths that I have been treading as an English teacher in training. The reflections coming from the memories and the people who have been/are part of my life end up bringing a new meaning to my educational practice

and transforming me into a more reflective and conscious person/teacher. I realize that I am learning to be human and to be professional in social interactions and I realize that I will never be ready. I am in a permanent process of construction.

Keywords: Educational Spaces; Memorial; Youth and Adult Education; Teacher Training; Graduate.

RESUMEN

Soy quien soy por los libros que he leído, los cursos a los que he asistido y, sobre todo, soy la unión de varias personas del pasado y del presente. Basado en Prado; Soligo; Simas (2014) y Abrahão (2011), quienes enfatizan la importancia de escribir narrativas para la formación, este texto tiene como objetivo presentar mis procesos formativos como profesora de inglés, de la Red CEJA y graduada de la Facultad de Formación de Profesores de la UERJ. La intención es revelar a los lectores los caminos que he estado recorriendo como profesor de inglés en formación. Las reflexiones provenientes de los recuerdos y las personas que han sido/son parte de mi vida terminan aportando un nuevo significado a mi práctica educativa y transformándome en una persona/maestra más reflexiva y consciente. Me doy cuenta de que estoy aprendiendo a ser humano y a ser profesional en las interacciones sociales y me doy cuenta de que nunca estaré listo. Estoy en el proceso permanente de construcción.

Palabras clave: Espacios Formativos; Memorial; Educación de Jóvenes y Adultos; Formación Docente; Egresos.

Introdução

Este texto é uma narrativa autobiográfica, que se caracteriza como memorial de formação, escrita durante os primeiros dois anos do meu Doutorado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ) e tem por objetivo demonstrar a importância da escrita docente na formação de um/a professor/a reflexivo/a.

Entrei no Doutorado, em 2021, com o intuito de pesquisar a Língua Inglesa na Rede CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos), por meio das vozes de egressos de Letras-Português/Inglês, da FFP/UERJ. Escrevi estas memórias, enquanto aguardava a avaliação dos processos que abri junto a Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ, por meio da Plataforma Brasil, sob o número 5.341.388, e na Secretaria de Estado de Educação e também na

Fundação-CECERJ (Processo: SEI- 030046/001348/2021), para ter permissão de atuar nesse espaço como pesquisadora.

A decisão por escrever os meus percursos formativos foi tomada por conta de o tema da minha pesquisa de doutorado, cujo título é “A Língua Inglesa nos Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJA): os desafios do sistema semipresencial a partir das vozes de egressos de Letras-Português/Inglês da FFP/UERJ”, estar totalmente relacionado ao meu cotidiano laboral, pois sou professora de Inglês, egressa da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e docente na Rede CEJA. Acredito ser muito pertinente, além de ouvir os meus colegas, deixar registradas as minhas reflexões sobre o campo em que trabalho há tanto tempo, pois, a escrita desencadeia reflexões que podem levar a mudanças tanto internas (pessoais) quanto do contexto social. Como afirmam Carlos e Pereira (2011, p. 186),

[...] há um potencial de aprendizagem na escrita através do armazenamento, da difusão e socialização de informações e do estímulo à reflexão que a permeia. A escrita narrativa funciona como uma forma de organizar o pensamento, identificar e problematizar o conhecimento, reconstruir as experiências e, conseqüentemente, proporcionar novas práticas.

Portanto, a escrita de si proporciona a conjugação da reflexão e do aprendizado.

A escrita do memorial como ato formativo

Escrever o memorial de formação é importante, pois a narrativa está imbricada com a vida, com as memórias e com as reflexões feitas a partir delas. Em seu texto, Nóvoa (2015) alerta sobre a relevância do autoconhecimento ao enfatizar que:

[...] ninguém se conhece sem partir. Sim, parte, divide-te em partes. Sem viagem não há conhecimento. E sempre que se bifurquem os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento. (NÓVOA, 2015, p.14)

Assim, o ato de escrever sobre as minhas experiências do tempo da graduação, especialização, mestrado, doutorado (todos cursados na FFP/UERJ) e sobre os desafios do trabalho com a EJA proporciona, além de reflexões significativas, o posterior aperfeiçoamento da prática pedagógica (JOSSO, 2007). Este texto, portanto, tem o objetivo de trazer contribuições para a área da formação docente para o trabalho na Educação de Jovens e Adultos, pois nele estão contidos os meus processos formativos como docente egressa

da FFP/UERJ, assim como os desafios que eu encontrei ensinando Inglês na Educação Básica, em especial na EJA.

Ao escrever este memorial, sinto-me desempenhando três papéis: “autora, escritora e personagem protagonista”. Como lembram Prado, Soligo e Simas (2014, p. 6-7):

[...] O personagem, neste caso, protagoniza a cena em relação à experiência de pesquisador, à autoria do texto e à escrita que produz para reter a narrativa e comunicar um conhecimento que considera válido. É sujeito em três perspectivas, portanto.

De fato, ao reler e (re) escrever este texto pude perceber que a escrita do memorial de formação é um processo resultante da rememoração reflexiva de fatos com a intenção de ressignificar aspectos da própria narração/vida (ABRAHÃO, 2011).

Além dos autores acima, fundamento-me em Fontoura (2011, p. 75) para escrever o meu memorial. Ela afirma que “relatos orais ou escritos sobre experiências vividas permitem obter informações na essência subjetiva de cada um; se quisermos saber perspectivas pessoais, não há melhor caminho do que obter estas informações através da sua própria voz”. A base de análise será a metodologia da tematização proposta por Fontoura (2011), que, em linhas gerais, consiste em demarcar palavras, expressões e/ou temas que são realmente relevantes para a análise, a partir de uma leitura detalhada dos relatos, para que depois seja possível apreender núcleos de sentidos contidos nas narrativas a fim de estabelecer ligações com o referencial teórico. Sendo assim, após a leitura atenta dos meus escritos, apresento em seguida o tema: “reflexões sobre os meus percursos formativos”.

Reflexões sobre os meus percursos formativos

Aprendi com Paulo Freire a sempre considerar o sujeito, a sua singularidade e a sua bagagem cultural, então penso que esse é um bom ponto de partida. Decidi compartilhar fatos marcantes da minha vida para que entendam o motivo da minha investigação atual e o que, de fato, me levou a voltar aos bancos escolares e desejar tanto participar de um programa de Pós-Graduação em Educação para continuar pesquisando os professores da EJA. Por isso, convido o leitor a conhecer quem escreve este texto.

O ano de 1977 marca o início dos processos formativos em minha vida, no meio familiar. Nasci na cidade do Rio de Janeiro, neta de analfabetos, filha de um militar da Marinha e de uma professora. Meu pai (Edalmo) precisou trabalhar muito cedo e, por isso, foi aluno do supletivo e só conseguiu ingressar

na universidade, após os seus 40 anos, para fazer o curso de Direito. Minha mãe (Shirley) formou-se em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e fez especialização em “Planejamento e Técnicas de Ensino”. Atuou em colégios estaduais do Rio de Janeiro por 25 anos. Atualmente, ambos estão gozando da aposentadoria. Eu não nasci sozinha, estive acompanhada da minha irmã gêmea (Patrícia) desde o ventre materno e com ela aprendi que a cooperação era a maneira mais harmônica de se viver. Quando cheguei à minha primeira casa, fui recebida pela minha irmã mais velha (Alessandra). Após três anos, a família estava completa com a chegada da irmã caçula (Danielle).

Como diz Morin (2000, p. 38): “[...] o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional”. Essas multifaces fazem de todo indivíduo um ser complexo, com várias dimensões que o afetam em um processo de formação contínuo. Ser integrante de uma família numerosa trouxe momentos de colaboração, conflito, disciplina e apoio. Fortes traços do processo de formação que marcaram minha vida no espaço familiar. Em meio a descobertas do mundo e das pessoas ao meu redor, outros espaços me foram apresentados. Espaços esses que passaram a fazer parte do meu cotidiano e que nunca mais deixei de frequentar.

Após o lar, o segundo espaço formativo que conheci foi a igreja. Meu pai é de origem católica e minha mãe, evangélica. Com a chegada das quatro filhas, eles resolveram que nós acompanharíamos a minha mãe à igreja. Por isso, desde pequena, eu frequento uma Igreja Batista. Com as histórias bíblicas que eram lidas para mim e para as minhas irmãs, em casa e na igreja, aprendi o valor do ser humano na criação de Deus e aprendi sobre o respeito à diversidade. Ouvindo sobre Jesus, o Filho de Deus, aprendi (tenho aprendido) sobre a importância dos relacionamentos e sobre a relevância de ordenar os nossos amores - amar a Deus sobre todas as coisas e ao meu próximo assim como eu me amo – para a preservação da integridade emocional/espiritual/social.

O terceiro espaço formativo que tive contato foi a escola. Aos cinco anos de idade, em 1982, morando em Duque de Caxias, RJ, fui matriculada em uma escola privada confessional perto da minha casa - Colégio Santo Antônio. Lá aprendi a ler e fiz os primeiros anos de escolaridade, antigo Jardim de infância até a 3ª. série (hoje, do Ensino Infantil ao 4º. ano do Ensino Fundamental I). Alguns fatos marcantes aconteceram nesse tempo. Aliás, quando sinto cheiro de material escolar novo, principalmente do plástico da merendeira, vem à mente essa época da minha infância, tempo das descobertas, de aventurar-se no pátio da escola com os novos amigos, do silêncio extremo na sala de aula que éramos obrigados a fazer quando a professora estava explicando. Época dos desenhos, das primeiras letras e palavras.

Aos oito anos, o conselho escolar do colégio particular em que eu estudava resolveu me separar da minha irmã. Foi o primeiro ano em que precisei me virar sozinha em espaços sociais. Eu aprendi “na marra” a ser única, pois antes estava sempre acompanhada da minha gêmea. Até então, eu estava imersa em uma sociedade que me via e não me reconhecia, melhor dizendo, não reconhecia o meu nome, por eu ser semelhante fisicamente à minha irmã. Como diz Josso, “assim, é preciso poder imaginar ser – e tornar-se efetivamente – tanto único porque singular como reconhecível porque socialmente identificável” (2007, p. 434). Aquele foi um ano intenso de aprendizado enquanto indivíduo, pois eu aprendi a me reconhecer e a ser reconhecida de forma singular e única. Também aprendi a fazer amigos sozinha, pois antes os colegas de turma se achegavam curiosos por ver duas meninas idênticas juntas, ainda mais uniformizadas.

Em 1987, com a mudança da minha família para São Gonçalo, RJ, o medo do novo me afligiu. Saí de uma escola enorme para um colégio menor com uma professora muito rígida e não muito acolhedora. Estava fazendo a 4ª. série (hoje, 5º. ano de escolaridade, Ensino Fundamental I), época em que tínhamos que aprender a usar a caneta. A primeira prova nessa escola foi inesquecível e traumática. Apesar de ter estudado muito os conteúdos de Ciências, eu não conseguia sequer entender o que estava escrito nas perguntas, fui acometida pelo meu primeiro “branco”. Porém, consegui me acalmar e terminei a prova com êxito. Passei um ano nessa escola e me lembro de me sentir tolhida pela rigidez e pela falta de diálogo em sala de aula. Hoje entendo que a afetividade no ensino é importante e interfere na relação professor-aluno e muito diretamente na aprendizagem. Como aponta Paulo Freire (2008, p. 27),

[...] só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.

Em 1988, passei a estudar em um colégio público estadual – Colégio Estadual Pandiá Calógeras, em São Gonçalo, RJ - escola que tinha (e ainda tem) um espaço enorme com prédios, quadra, pátio, cantina e refeitório. Nessa época eu estava na 5ª. série (hoje nomeado 6º ano de escolaridade, do Ensino Fundamental II), eu tinha vários professores e era o início da minha adolescência. O medo do novo, que antes me assustava, agora era aventura e descoberta. Encontrei professores rígidos, porém amistosos e acessíveis.

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios

interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo (VYGOTSKY, 2001, p. 139).

Estudar nessa escola pública foi uma experiência libertadora. Comecei a viver uma nova história naquele colégio, fiz novos amigos e nunca me senti superior ou inferior aos meus colegas de turma. Tanto eu quanto os demais alunos e professores sempre nos tratamos com respeito e afeição, eu me sentia parte integrante daquela comunidade escolar, eu era ouvida e as aulas eram recheadas de diálogos. Os anos se passaram e, em 1992, cheguei ao Segundo Grau, hoje chamado de Ensino Médio, estudando no mesmo colégio estadual, onde encontrei professores cuja opção era por uma educação libertadora. Durante o tempo em que lá estudei, minha mãe foi a diretora desse colégio, por cinco anos. Porém, nunca recebi ou percebi tratamento privilegiado por ser a filha da diretora, na verdade, eu, minhas irmãs e meus colegas éramos tratados com muito respeito pelos funcionários e professores. Por isso, a minha identificação com a fala de Vygotsky, logo acima, pois minha imersão nesse espaço escolar trazia contentamento, possibilidades de amizades e descobertas; logo, passou a ser um dos meus lugares preferidos.

Eu sempre vivi cercada de livros, de dicionários, de jornais e de revistas. Meus pais ascenderam profissionalmente graças aos estudos e a simples observação desse fato me impulsionava a estudar. Nunca fui forçada a ir para a escola, essa rotina já fazia parte da minha vida e era um prazer conviver com os colegas, professores e livros.

Chegou o ano de prestar vestibular e eu ainda não tinha ideia de qual curso escolher na faculdade. Então, orientada pelo meu pai, que fez Direito, escolhi a mesma opção, pois o meu objetivo primeiro era prestar concursos e ser uma servidora pública. Não obtive êxito nesse vestibular e, no outro ano, escolhi o curso de Letras, pois o Inglês sempre foi a minha matéria favorita na escola. Foi então que em 1996, entrei na Faculdade de Formação de Professores, da UERJ para estudar Letras-Português/Inglês. Ao escolher esse curso, meu objetivo primeiro foi o de ser secretária bilíngue, mas o contato com as disciplinas de Educação e com os professores da FFP/UERJ, além dos grandes pensadores como Paulo Freire, Magda Soares, Moita Lopes, entre outros, aflorou em mim o gosto pela sala de aula.

No tempo da graduação (1996-1999), vivenciei uma grande experiência com a pesquisa. Fui bolsista de iniciação científica, orientada pelo saudoso professor Doutor José Pereira da Silva, no projeto “Dicionário Brasileiro de Fraseologia”. Apresentei e publiquei trabalhos sobre o andamento da pesquisa

em Congressos Nacionais de Nacionais de Linguística e Filologia entre 1997 a 1999. Foram anos de muito aprendizado e de muita produção.

Como estava estudando em uma Faculdade de Formação de Professores, precisei voltar à escola para fazer estágio de observação, foi então que escolhi o mesmo colégio onde estudei e observei turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno. Ali presenciei aulas com alunos de diversas idades, entre jovens, adultos e idosos, e pude concluir que eu estava no caminho certo. Esqueci o sonho primeiro de ser secretária bilíngue e pude compreender que seria muito mais útil em uma sala de aula da escola pública. Percebo que meu olhar crítico e investigativo em relação à EJA vem desde essa época do estágio. Como diz Paulo Freire (1991, p. 58),

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática.

Já formada, e sem concurso público à vista, tive minha primeira experiência como professora de Inglês em um colégio particular na cidade de São Gonçalo, próximo à minha casa. Na ocasião, lecionei Língua Inglesa para seis turmas de Ensino Médio Regular. Lembro-me que minha primeira vez em sala de aula foi assustadora. Entrei em uma turma de primeira série do Ensino Médio, com cinquenta e quatro alunos. A coordenadora da escola me entregou o diário com um papel colado e dobrado no fim da listagem dos nomes dos alunos, pois a quantidade de estudantes superou o espaço do mesmo. Conclusão: a hora da chamada era uma loucura e conseguir ser escutada pelos adolescentes durante as aulas era uma verdadeira aventura.

Confesso que essa primeira experiência, apesar de desfavorável ao ensino, de forma alguma me fez desistir, pelo contrário, eu passei a lembrar e a refletir nos escritos de Paulo Freire, o precursor da pedagogia crítica no Brasil, que ousou ensinar a partir do conhecimento dos alunos e impactou gerações de professores e estudantes do Brasil e do mundo com o seu ensinamento de vincular a leitura e a escrita com a realidade, por meio do ensino que proporcione o letramento crítico e contextualizado (Freire, 2008). Percebi que, apesar das adversidades, é possível plantar sementes de conhecimento, de esperança, de justiça, de amor e de encantamento pela vida.

Enquanto eu trabalhava nessa escola particular, fazia Pós-Graduação *latu sensu* em Língua Inglesa, na FFP/UERJ, no período de 2000 a 2001, com a orientação da Professora Doutora Vera Lúcia Teixeira da Silva. Escolhi me especializar pela necessidade de estar em contato com a língua que leciono.

Além disso, aproveitei o curso de especialização para pesquisar estratégias de leitura como ferramenta importante para professores de Língua Inglesa que atuam em escolas com turmas numerosas. Nesse tempo, aprendi que

a escola deve então fazer uso de meios de instrução em Língua Estrangeira adequados ao seu contexto, que reflitam habilidades em línguas estrangeiras socialmente justificáveis e que estimulem a consciência crítica (MOITA LOPES, 1996, p. 76).

Passado esse período, fui morar na cidade de Campos dos Goytacazes, e em 2003, fiz concurso público e comecei a lecionar na rede pública de ensino desse município do interior do Estado do Rio de Janeiro, lá permaneci por cinco anos trabalhando com adolescentes do Ensino Fundamental II, e também com jovens e adultos na modalidade EJA. Nessa época, participei de vários seminários, congressos, oficinas e palestras, todos promovidos pela Secretaria de Educação daquela cidade. Foi um tempo de muita reflexão e de aquisição de novos saberes. Porém, ao retornar à sala de aula, a frustração chegava, pois, alguns conhecimentos adquiridos eram muito difíceis de serem colocados em prática. A falta de material como o livro didático de Inglês para apoio e a ausência de uma máquina fotocopadora eram o que mais me deixava angustiada. Nessa época, eu trabalhava em uma escola na zona rural de Campos, onde parte dos alunos já chegavam cansados, pois além dos serviços domésticos, trabalhavam na plantação e colheita da cana de açúcar. Motivá-los sem o material apropriado era um grande desafio. Eu compensava essa falta levando recursos didáticos, tais como figuras, objetos, canções e usando jogos para promover o aprendizado.

Ainda morando em Campos dos Goytacazes, fui convidada a lecionar Inglês para as crianças do Fundamental I, em um conceituado colégio da rede privada daquela cidade. Porém, depois de alguns meses de trabalho, percebi a inutilidade dos meus serviços ali. Encontrei turmas com maioria esmagadora de alunos já fluentes em Língua Inglesa, deparei-me com um material didático importado de nível excelente, porém com grau de dificuldade muito baixo para os alunos daquele colégio. Eram alunos de classe alta, cujas férias eram, em geral, no exterior, que estudavam em uma escola na qual um dos passeios promovidos era uma visita ao parque da *Disneylandia* nos Estados Unidos, para a prática da língua e sociabilidade. Enfim, aquele, definitivamente, não era o meu lugar.

Foi então que, no fim de 2004, após saber do resultado do concurso e ser convocada para lecionar em uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro, eu imediatamente pedi demissão daquele colégio particular. Hoje vejo que foi uma decisão acertada. Sinto-me útil trabalhando com alunos da escola pública, ensinando meus alunos a ler, escrever, ouvir e falar em uma língua estrangeira. Gosto de ver o brilho no olhar quando levo um texto ou uma frase de algum

famoso ou uma música que eles apreciam. Percebo-me adequada para aquele ambiente, pois posso ser ponte para aquisição de novo vocabulário, de novas estruturas frasais e de aprendizado de uma nova cultura.

Passados alguns anos, minha vida tomou novos rumos e fui morar na cidade de Niterói. Consegui transferir minha matrícula da rede estadual, porém continuava trabalhando na rede municipal de Campos dos Goytacazes, de forma que foram dois anos de estrada, dormindo em pensão duas noites por semana para cumprir o meu horário de trabalho. Até que a Secretaria de Estado de Educação abriu um novo concurso e, em 2009, pedi exoneração da minha matrícula do município de Campos e ingressei na segunda matrícula do Estado. Foi então que passei a desfrutar de qualidade de vida, pois as duas escolas da rede estadual em que eu passei a trabalhar ficavam perto da minha casa, em Niterói, RJ.

Sempre procurei ser aluna, de modo que participei de muitos cursos de formação docente ao longo da minha carreira profissional, em busca de atualização. Mesmo quando não estava inscrita em algum curso formal, procurava atualizar-me participando de aulas de conversação em Inglês junto com algumas colegas professoras para aprimorar a língua que leciono. Como afirmam Nóvoa e Alvim (2022, p. 19), precisamos dos nossos colegas e deles “esperamos que se juntem conosco numa aprendizagem cooperativa. [...] A cooperação é uma das chaves da educação do nosso século”.

Constato, ao escrever minhas experiências, que os processos formativos da minha caminhada enquanto profissional aconteceram principalmente dentro da escola, nos diálogos com os colegas e no contato com os alunos. A partir das conversas com os estudantes, seus questionamentos e suas necessidades é que reflito a minha prática e aprimoro as aulas com estratégias diferentes de ensino. Percebo que eles são os roteiristas do meu plano de curso, pois eles sempre me ajudam a construir a aula seguinte quando falam de alguma canção, quando discutem entre si sobre algum acontecimento político ou quando chegam com dúvidas sobre o uso de alguma palavra em Inglês.

Percebo que minha formação é constante e inacabada, pois a cada nova turma, sinto a necessidade de aprimoramento da minha prática. Entendo, com isso, que além dos cursos, congressos e seminários de que participo, a minha atualização ocorre em sala de aula, no contato com os alunos, dentro da sala dos professores e nos grupos de que faço parte nas redes virtuais onde a troca de experiências com os colegas são enriquecedoras. Constato que a conversa com os meus pares, os desafios da docência e as ideias compartilhadas são alimento que fazem a minha prática mais doce e mais significativa. Como

lembram Nóvoa e Alvim (2022, p. 67), “Precisamos dos outros para nos tornarmos professores”.

Não havia cursado uma disciplina voltada para a modalidade EJA durante a graduação e a especialização, porém durante o Mestrado em Educação, na FFP/UERJ, fiz uma disciplina externa na Universidade Federal Fluminense (UFF) e cursei a disciplina: “Educação de Jovens e Adultos”, no segundo semestre de 2016. Foi um período de troca de saberes, experiências e de aprofundamento no campo da EJA. Percebi que ler as diretrizes e os pareceres da Educação de Jovens e Adultos e conhecer o perfil de alunos que frequentam a EJA são elementos essenciais para quem trabalha com essa modalidade.

Durante a minha pesquisa de Mestrado (2016-2017) eu ouvi seis professores de Inglês comprometidos com essa modalidade. Constatei que eles buscavam atualização por meio de cursos e de conversas com colegas para troca de experiências a fim de aprimorarem a prática docente com essa modalidade. Pude perceber também que a maior contribuição da Faculdade Formação de Professores, da UERJ, na vida profissional desses egressos foi o incentivo à pesquisa e à leitura de livros de Paulo Freire. (MEDEIROS; FONTOURA, 2019)

Finalizei a minha pesquisa e, em outubro de 2017, defendi a minha dissertação, sob a orientação atenta da professora doutora Helena Amaral da Fontoura e uma banca afetuosa, que além da minha orientadora, foi composta pelas queridas professoras Dra. Vera Lúcia Teixeira da Silva – FFP/UERJ, Profa. Dra. Ana Cristina Coutinho Viegas - Colégio Pedro II, e a Profa. Dra. Vania Leite – FFP/UERJ, como suplente. O título da minha dissertação foi: “Processos formativos de docentes de Inglês que trabalham na Educação de Jovens e Adultos: estudo com egressos da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro .” (MEDEIROS, 2017). Fruto dessa pesquisa de Mestrado, alguns artigos foram publicados em revistas e anais de Educação¹.

Em 2018, com a parceria da minha irmã Professora Mestre Patrícia Miranda Medeiros Sardinha, iniciamos o Blog²: Bagagem Cultural.net onde compartilhamos nossas publicações, roteiros de viagens, indicações de livros, entre outros conteúdos. No ano seguinte, em 2019, lançamos o canal do YouTube, chamado: Bagagem Cultural³, onde disponibilizamos vídeos curtos

¹Publicações de Letícia Miranda Medeiros. Disponível em: <https://bagagemcultural.net/2019/04/17/publicacoes-de-leticia-m-medeiros/>. Acesso em: 01 nov. 2023.

² Blog: Bagagem Cultural.net. Disponível em: <https://bagagemcultural.net/> Acesso em: 01 nov. 2023.

³ Canal: Bagagem Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/@bag.agemcultural> Acesso em: 01 nov. 2023.

com dicas de como estudar Inglês, dicas de filmes/viagens, reflexões, entre outros.

Com a pandemia do vírus Covid-19, circulando no Brasil em 2020 e 2021, o isolamento social fez com que a população brasileira se reinventasse e o trabalho e o estudo de casa foram naturalizados, principalmente entre os professores. Apesar de atípico, foi uma época de muito aprendizado. Pude participar da Jornada de Educação Online (JEO) que foram cursos de formação continuada promovidos pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e que auxiliaram os professores no uso de ferramentas digitais para o ensino remoto. Na JEO I, aprendi a usar uma ferramenta digital gratuita chamada *EdPuzzle*, onde é possível preparar vídeos interativos. Algumas de minhas aulas remotas da escola estadual regular em que trabalhei foram produzidas nesse site e o link dos vídeos disponibilizados na plataforma *Google Classroom* para os meus alunos. Ao comentar com os professores de Inglês da Rede CEJA, sobre essa ferramenta digital para a produção de vídeos interativos, na sala virtual de discussão de professores de Língua Inglesa, dentro da plataforma CEJA-Virtual, fui convidada para fazer um tutorial de como produzir vídeos interativos usando o site gratuito *Edpuzzle* para os professores de Inglês dessa Rede. Os coordenadores e dinamizadores de área ficaram muito motivados com essa ferramenta e eu fui convidada para apresentar esse tutorial, com o título: “*Edpuzzle*: ferramenta digital para a produção de vídeos interativos”⁴, no “CEJA em Cena - 1º. Encontro de Professores e Gestores da Rede CEJA”, no dia 07 de outubro de 2020. Participar de um evento de formação de professores a nível estadual fez o meu coração pulsar de nervosismo e de muita alegria, pois amo compartilhar conhecimento!

No ano de 2021, voltei à Faculdade de Formação de Professores, local de excelência para a formação docente, que fica em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, para cursar o Doutorado em Educação sob a orientação da professora doutora Helena Amaral da Fontoura. Neste espaço formativo, tenho encontrado mestres e doutores preocupados com uma educação pública de qualidade. Vejo professores engajados na luta contra a privatização da universidade e tenho tido o privilégio de ter contato com profissionais especialistas competentes na área da Educação.

Neste tempo do meu doutoramento, tenho aperfeiçoado a minha própria prática, além de acessar novos saberes e crescer na área pessoal e profissional. Assim como no Mestrado, a minha pesquisa é com os egressos da Faculdade de Formação de Professores, que, como eu, trabalham com a Educação de

⁴ Tutorial: *Edpuzzle*. Disponível em; <https://www.youtube.com/watch?v=rgRQIQsO4AE>. Acesso em 01 nov. 2023.

Jovens e Adultos, porém, desta vez, a investigação foi feita com quatro professores de Inglês que trabalham no sistema semipresencial com essa modalidade, a Rede CEJA.

A Rede CEJA tem mais de 50 unidades espalhadas no Estado do Rio de Janeiro e oferece o Ensino Fundamental II às pessoas com idade a partir de 15 anos e o Ensino Médio, a partir de 18 anos, em sistema semipresencial. Os alunos estudam a seu tempo e vão até a Unidade da Rede CEJA em que estão matriculados para ter orientação com o professor (tirar dúvidas), para fazer as avaliações e para participar de oficinas (aulas coletivas). O material didático está disponível gratuitamente, em sistema de empréstimo, na escola e também no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), chamado CEJA-Virtual.

A escuta atenta aos docentes da EJA, em especial os professores de Inglês da Rede CEJA, continua ecoando dentro de mim e hoje me move a fim de compreender como são seus processos formativos e de que maneira a Faculdade de Formação de Professores da UERJ influenciou o trabalho que eles exercem na EJA semipresencial. Enfim, com a escrita da tese, pretendo contribuir com reflexões sobre a formação de professores de Inglês para o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos.

Já finalizando minha narrativa de formação, gostaria de compartilhar três momentos marcantes que se tornaram vivências formativas importantes. A primeira experiência aconteceu no primeiro semestre de 2022, quando recebi uma estagiária no CEJA-Niterói. Seu intuito era observar o meu atendimento e o trabalho que realizo com alunos/as. Após recebê-la com satisfação, fui logo apresentando as apostilas de Inglês e mostrei as plataformas virtuais com as quais trabalho. A estagiária disse que a minha fala já respondia muitas perguntas que ela buscava para compor o seu trabalho final da disciplina 'Pesquisa e Prática de Ensino I', do curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Duas semanas depois, ela me enviou um formulário on-line para responder. Os temas das perguntas versavam sobre a escolha da profissão, remuneração, formação continuada, livro didático, desafios do ensino, entre outros. Porém, a última pergunta saltou aos meus olhos, a saber: "Que conselho você daria a quem está, neste momento, se preparando para entrar no magistério?". Depois de refletir bastante, escrevi oito (8) conselhos práticos e um (1) desejo para quem está abraçando a carreira docente e resolvi deixar registrados aqui:

1. Para ser professor/a, você precisa gostar de gente! Faça um acordo consigo mesma: decida se apaixonar pela profissão todos os dias!

2. Professor/a de Inglês pode trabalhar em várias frentes: cursos de línguas, aulas particulares, escolas privadas, escolas públicas, com revisão de textos, entre outras. Minha sugestão é que você procure ter a experiência de

trabalhar em todos esses lugares, até você decidir qual é o seu público e local favoritos, pois trabalhar com o que gosta e se sentir útil é o que faz você sair da cama, com ânimo, quando o despertador toca de manhã.

3. Se você estiver pensando em ser rica, você está na profissão errada. Entenda que a maior riqueza do/a professor/a está em lançar sementes do conhecimento. Se a semente vai cair em terreno fértil, só o tempo dirá.

4. Saiba que nem todos os alunos/as de uma mesma turma estão dispostos a aprender. Mesmo assim, faça um trabalho bonito e de forma consciente. Prepare-se, não é sempre que você terá um 'feedback' positivo!

5. Aprenda a amar as pessoas! Uma das maneiras de amar alunos/as é ter uma escuta amorosa. A indisciplina pode ser um grito de socorro! Esteja atenta aos sinais!

6. Crie o hábito de compartilhar, tenha redes colaborativas entre os colegas de profissão. As experiências de outros professores/as podem ajudá-los nos desafios que você vai enfrentar na sua carreira. O período do intervalo é um tempo muito produtivo para a troca de experiências. Aproveite-o!

7. Deixe de lado a 'arrogância pedagógica'! Aprenda a dizer: "Eu não sei! Vou pesquisar e, na próxima aula, te dou uma resposta".

8. Tenha consciência de que você nunca estará pronta. Seus processos formativos vão continuar. Você aprende todos os dias, não só nos cursos. É possível aprender com os alunos/as e com os colegas. Tenha um coração de aprendiz! Entenda que professores/as não nascem prontos, os seus processos formativos não terminam com a conclusão da Graduação ou da Pós-Graduação. Assim como os alunos/as, estamos sendo formados ao longo da vida!

Por fim, eu desejo muita coragem e o amor dos seus colegas e alunos/as.

De certa forma, esses oito conselhos e um desejo compõem o legado que almejo deixar para os/as atuais professores/as e para aqueles/as que querem ingressar na profissão docente. Porém, o intuito desse registro é que, a partir da leitura desses conselhos, outras conversas possam ser multiplicadas em novos encontros formativos, seja para concordar com os conselhos, seja para discordar deles ou para acrescentar sugestões, pois creio que a finalidade da prática docente não são os resultados (alunos/as aprovados em ENEM, Vestibular, concursos públicos, entre outros louros), mas sim o privilégio de participar no processo de formação de outras pessoas. Formação que se dá na caminhada, a partir do exemplo, pois como dizia Freire (1996, p. 27), "fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde

eficácia”. De certa forma, o que Freire (2013, p. 77) quis mostrar é a importância de se viver de forma coerente em todas as áreas da vida. “[...] coerência que vá diminuindo a distância entre o que dizemos e o que fazemos”.

A segunda experiência marcante do ano de 2022 foi a proposta que eu e uma colega de profissão recebemos da direção do CEJA-Niterói de preparar um material para a disciplina Projeto de Vida voltado para o público da EJA. Essa disciplina passou a ser obrigatória após a implantação da nova Base Nacional Comum Curricular do Novo Ensino Médio (BRASIL, 2018). Elaboramos três apostilas com textos multimodais e atividades voltadas para o público da EJA. O material contém também dicas de sites, de canais do YouTube e de filmes, todas pensadas para os jovens, adultos e idosos que frequentam a Unidade em que trabalhamos. As três apostilas foram divididas por temas: Ser, Conviver e Desenvolver, e começaram a ser aplicadas a partir do segundo semestre de 2022. Foi gratificante ouvir dos alunos/as sobre a qualidade do material e de como cada atividade despertava os sonhos e impulsionava-os a prosseguir com seus projetos de vida.

A terceira experiência memorável aconteceu no segundo semestre de 2022. Chegou à minha sala um aluno de 17 anos, com síndrome de Down. Junto a ele, sua avó que morou durante alguns anos nos Estados Unidos da América e sempre incentivou o neto a estudar a Língua Inglesa, inclusive matriculando-o em curso de idiomas. Ao conversar com esse aluno, em Inglês, percebi que ele respondia questões básicas, como “*What’s your name?*”; “*What’s your favorite color?*”; “*How are you?*”, entre outras. Sua alegria em responder com assertividade era notável. Logo após saber que ele estava no 7º ano de escolaridade, peguei a apostila e comecei a explicar a ele os conteúdos e exercícios do material da Rede CEJA e percebi a sua dificuldade em leitura e escrita. Deixei a apostila de lado e segui fazendo questões orais: “*How old are you?*”; “*How old is your grandmother?*” “*When is your birthday?*”, entre outras. Observei que, com ajuda, ele conseguia responder as perguntas oralmente em Inglês. Como dizem Nóvoa e Alvim (2022, p. 48), “para um professor, não há nada mais importante do que saber lidar com a imprevisibilidade de cada momento, transformando cada incidente ou circunstância numa ocasião de aprendizagem”.

Então, após essa primeira sondagem, conversei com a avó e passei alguns exercícios para o aluno fazer em casa e trazer no próximo encontro. Imediatamente, fui à sala da Orientadora Educacional pedir ajuda para como lidar com essa situação, ela disse que encaminhou o aluno para a sala de Inglês por ser a disciplina que ele tem menos dificuldade, já que a avó ainda não havia trazido um laudo médico atualizado. Na semana seguinte, ele foi encaminhado para fazer um teste de nivelamento que traz questões de interpretação de textos

que abordam assuntos de História, Geografia, Ciências, Língua Portuguesa e questões de Matemática referentes ao Ensino Fundamental I.

Na Rede CEJA essa avaliação é chamada de pré-teste, que geralmente é aplicada para os estudantes que não têm documentação ou que trazem o histórico do Fundamental I incompleto. O pré-teste é composto por três textos verbais e doze perguntas sobre compreensão leitora, com foco na localização de respostas explícitas no texto, e mais cinco problemas matemáticos, envolvendo as quatro operações aritméticas fundamentais.

Em resumo, a professora que avaliou concluiu que o aluno lia, contudo não assimilava todas as informações contidas no texto, ainda que este fosse curto. Para responder as questões, esse aluno necessitava de auxílio para compreender os enunciados e apresentava dificuldade para localizar informações no texto. Ele precisava de apoio constante em todas as etapas de aprendizagem, incluindo o momento de realização das avaliações. Nesse ínterim, mesmo antes de saber o resultado do teste, sinalizei para a Orientadora que o material da Rede CEJA estava inapropriado para aquele aluno e solicitei anuência para preparar um material de Inglês adaptado com bastantes figuras e com exercícios voltados para aquisição de vocabulário.

Esse aluno com síndrome de Down estudou Inglês comigo, duas vezes por semana, e precisava do meu auxílio continuamente. Como a oralidade era um ponto forte desse aluno, eu aproveitava esse tempo para incentivar os demais estudantes que chegavam à minha sala para promover a socialização de todos por meio de conversação básica em Inglês. Foram momentos de partilha, encorajamento, empatia e aprendizagem coletiva que me fizeram crescer pessoal e profissionalmente. Percebo que os alunos/as e seus desafios forçam o/a professor/a a sair da zona de conforto. Com essa vivência em especial, aprendi que é necessário focar em atividades que potencializem a competência do aluno e não em suas limitações. Como lembram Nóvoa e Vieira (2017, p. 30), “[...] É preciso capacidade de adaptação e de decisão, de compreensão das realidades pedagógicas, de discernimento caso a caso. A pedagogia é uma técnica e uma ciência, mas é também uma arte”.

No ano seguinte, em 2023, fui convidada para levar a segunda matrícula para o CEJA-Niterói. Pude então me dedicar plenamente e com muita satisfação à modalidade Educação de Jovens e Adultos, que tanto aprecio, desde o tempo do estágio da graduação.

Com esse resumo das minhas percepções sobre a docência e sobre a responsabilidade intrínseca a ela, que é a formação de si e de outras pessoas, finalizo aqui o meu memorial de formação que também reuniu as respostas às perguntas investigativas que compõem a minha pesquisa de doutorado, feitas

para os colegas egressos da FFP/UERJ, que trabalham com Inglês na Rede CEJA.

Apesar de já lecionar há mais de duas décadas na EJA, percebo que estou em permanente processo de construção como professora e pessoa. Na verdade, sou quem sou por conta dos livros que li, dos filmes a que assisti, dos cursos de que participei, das aulas que ministrei e, sobretudo, eu sou a união de várias pessoas do passado e do presente, tais como minha família, professores, amigos, colegas de profissão e alunos que atravessaram minha vida, marcaram minha existência, fazem parte da minha história e que foram e são até hoje essenciais na construção da minha identidade. Ao escrever este texto percebo assim como Nóvoa (2009, p. 39) que “O registo escrito, tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência do seu trabalho e da sua identidade como professor”.

O ato de escrever as minhas memórias trouxe o benefício de refletir na ação e avivou a necessidade de buscar o aprimoramento das minhas atividades pedagógicas, a fim de oferecer conteúdo mais significativo para os meus alunos da EJA.

Considerações Finais

Olhando para as minhas memórias do tempo da graduação, especialização, mestrado e doutorado na FFP/UERJ percebo que as disciplinas que cursei e as conversas com os professores e colegas, nesse período de formação, influenciaram positivamente a minha carreira docente e mostraram-me a importância da pesquisa constante para a produção de aulas mais significativas para os meus alunos. Além disso, reitero a importância dessa instituição e dos profissionais que lá atuam, não só na minha vida, como também na vida de milhares de alunos e egressos da FFP/UERJ.

Como demonstrado neste texto, a escrita de si além de proporcionar o desenvolvimento pessoal, por estimular a reflexão docente, pode também levar a micro transformações na sociedade por meio de mudanças de atitudes individuais. Portanto, reafirmo a importância da escrita do memorial para a formação de um docente mais reflexivo. Além disso, as narrativas (auto) biográficas dos egressos, caso sejam tematizadas, podem provocar a reflexão do trabalho desenvolvido pelos formadores não só da FFP/UERJ, como também de outras instituições.

Ressalto, portanto, a relevância dessa ação com os professores, uma vez que os escritos docentes constituem um rico acervo narrativo, que pode resultar na melhor compreensão dos desafios que os egressos enfrentam no cotidiano escolar, contribuindo para que os currículos das Licenciaturas possam ser

atualizados a partir da realidade concreta dos egressos que atuam na Educação Básica.

Concluo este texto, ciente de que o ato da escrita deste memorial e a produção de (auto) reflexões advindas das memórias e das pessoas que fizeram/fazem parte da minha vida acabam por trazer um novo significado para a minha prática educativa e por me transformar em uma pessoa/professora mais reflexiva e consciente. Enfim, percebo que vou aprendendo a ser humana e a ser profissional nas interações sociais e constato que nunca estarei pronta. Estou em processo de construção.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. **Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM). Resolução CNE/CP 4/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2018, Seção 1, pp. 120 a 122. Brasília, 2018.

CARLOS, Lígia Cardoso; PEREIRA, Maria de Fátima Carneiro Ribeiro. A escrita como dispositivo de formação em educação. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [39]: 175 - 192, maio/agosto 2011.

FONTOURA, Helena Amaral da. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, Helena Amaral da (Org.) **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. [recurso eletrônico]. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MEDEIROS, Letícia Miranda. Processos formativos de docentes de Inglês que trabalham na Educação de Jovens e Adultos: estudo com egressos da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2017. 116f. **Dissertação (Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais)**. Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

MEDEIROS, L. M.; FONTOURA, H. A. da. Contribuições da Faculdade de Formação de professores para a Educação de Jovens e Adultos. **Revista Cadernos de Pesquisa: Pensamento educacional**, Curitiba, v. 14, n. 37, P.172-189, maio/ago., 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NÓVOA, Antônio. Carta a um jovem investigador em Educação. **Investigar em Educação** - IIª Série, Número 3, p.13-22, 2015. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/83/82>. Acesso em 10 agosto 2021).

NÓVOA, Antônio. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA. Instituto de Educação. Universidade de Lisboa, 2009.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara (colaboradora). **Escolas e professores - Proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022. 116p.

NÓVOA, António; VIEIRA, Pâmela. Um alfabeto da formação de Professores. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 3, n. 2 - Especial, p. 21-49, jan./jun.2017.

PRADO, Guilherme Val Toledo; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. Pesquisa narrativa em três dimensões. **VI CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica** – Modos de Viver, Narrar e Guardar (6; 2014: Rio de Janeiro, RJ).

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Submissão em: 28 abr. 2023.

Aceite em: 28 out. 2023.

ⁱ Letícia Miranda Medeiros

Professora de Língua Inglesa e de Projeto de Vida, na Rede CEJA. É doutoranda e mestre em Educação, pelo PPGEDU – Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da FFP/UERJ. Possui graduação em Letras–Português/Inglês pela FFP/UERJ. É membro do grupo de pesquisa: “Formação de Professores, Processos e Práticas Pedagógicas” (FFP/UERJ).

E-mail: letymime@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1105979309791142>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4233-8651>